FANTASIAS, PENEIRAS E LATAS: A MÁGICA NARRATIVA PARA CRIANÇAS DE MANUEL DE BARROS

*Kalina Lígia Pereira Soares**

BARROS, Manuel de. *Exercícios de ser criança.* Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávia Dumont sobre os desenhos de Demóstenes Vargas. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

Em uma de suas entrevistas, Manuel de Barros, também conhecido como o poeta do pantanal, perguntado sobre a necessidade e a função da poesia no mundo atual, afirma: "A mim me parece que é mais do que nunca necessária a poesia. Para lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes, das coisas gratuitas" (pág. 310). Quanto às funções de poesia, o poeta diz que "a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas, por lugares comuns". Estes dois fragmentos nos dão a perspectiva da obra do poeta que agora nos brinda com duas narrativas para crianças.

No livro *Exercício de ser criança* logo no prefácio nos deparamos com algumas perguntas que um menino faz a seu pai:

> Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia ?
>
> Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?
>
> Ao sair do sufoco o pai refletiu:
>
> Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.
>
> E ficou sendo.

O poeta retoma, em seu novo livro, um dos temas de sua poesia, a infância, agora numa narrativa para crianças, cujos personagens são também crianças, construindo duas belas histórias a partir de uma peneira, de duas latas de goiabada e muita fantasia.

---

* Estudante do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba – Campus II

A primeira narrativa, *O menino que carregava água na peneira*, nos fala sobre um menino que, entre outras atividades, gostava de carregar água na peneira e era ligado em despropósitos. Ele apreciava mais do vazio do que do cheio, achava os vazios maiores e mais infinitos. Um dia o menino descobriu que escrever era o mesmo que carregar água na peneira e viu que ao escrever podia ser muita coisa ao mesmo tempo : era capaz de fazer peraltagens com as palavras. E sua mãe lhe dizia que carregar água na peneira era o mesmo que "catar espinhos na água, o mesmo que criar peixes no bolso". Ao observar as atitudes do filho, a mãe conclui que ele vai ser poeta , vai encher os vazios com peraltagens e algumas pessoas vão lhe amar por seus despropósitos.

A outra narrativa, *A menina avoada*, nos fala sobre a menina a que recorda a vida na fazenda quando seu irmão ia puxando-a num caixote: "Meu irmão pregava no caixote duas rodas de goiabada. A gente ia viajar" . Para os dois o caixote era um carro-de-bois: "E comandava os bois: - Puxa, maravilha! – Avança". O irmão sempre tinha presa de chegar na cidade pra ver a namorada que dava "febre no corpo dele ". Os dois nunca chegavam além do quintal e o irmão nunca via a namorada.

As duas narrativas se tornam ainda mais significativas graças às ilustrações do livro, verdadeira obra de arte em bordados, capaz de confundir as páginas ao tecido bordado, tamanha é a perfeição do trabalho fotográfico.

Após a leitura do livro percebemos a grandiosidade e a importância dessa obra para a literatura infantil. É um texto escrito para crianças mas que desperta o encanto e a reflexão até mesmo dos leitores adultos.

Manuel de Barros através de uma linguagem simples nos apresenta os "absurdos" e as "inutilidades" de que compõe o seu texto , tendo a natureza (o ambiente rural) como espaço de suas histórias e personagens prodigiosos e reais. O poeta se volta para tudo que representa a simplicidade (busca a beleza e a vida nas coisas simples) extravasando os limites da palavra, do espaço , do tempo e da criatividade presente em seu texto que rompe os limites dos sentidos através do grau de fantasia e inventividade.